

# DINHEIROS

(Breves considerações dum colecionador acerca da NUMÁRIA  
MEDIEVAL PORTUGUESA da autoria do Eng.º Ferraro Vaz)

POR PAULO FERREIRA DE LEMOS

Durante muito tempo esperei que pessoa mais categorizada, como colecionador de moedas da 1.ª dinastia, viesse a público dar conta das suas reflexões acerca da magnífica obra de numismática do Eng.º Ferraro Vaz, e assim exprimir uma opinião de colecionador acerca das muitas inovações que são lançadas neste livro.

Infelizmente, a morte do Engenheiro Raul Couvreur veio privar-nos da possibilidade de este publicista e numismata distinto que era ao mesmo tempo um colecionador de excepção, nos desse em artigo a sua apreciação à obra a que nos reportamos, para o que era, certamente, a pessoa indicada.

Será atrevimento vir a público dar a minha opinião sobre obra tão prestimosa, tanto mais que outros o fariam mais acertadamente, se, porventura, se dispusessem a dar à publicidade os seus conhecimentos, os seus ensinamentos e a sua crítica; por outro lado, também me parece que, talvez, as minhas parcas reflexões possam vir a provocar artigos de outros colecionadores, com o que todos viríamos a lucrar.

Este escrito é feito a propósito de três moedas que não foram incluídas nas séries descritas pelo Eng.º Ferraro Vaz, e de um conjunto (achado?) de dinheiros, que se analisa, e as ligeiras anotações de colecionador (e só nessa qualidade), que me atrevo a registar, não irão fazer, com toda a certeza, que essa obra não possa ser considerada, a todos os títulos, excepcional no nosso meio numismático.

É evidente, também, que essas anotações não serão só de carácter negativo, pois darei conta daquilo que me parece mais digno de aplauso.

Assim, em primeiro lugar, o mais completo acordo à nova arrumação dos dinheiros pelos diferentes reinados.

Essa arrumação é não só bem justificada mas, o que me parece mais importante, traz consigo uma lógica que me atrevo a classificar de evidente, excepto (só a evidência, claro) quanto ao tipo com 5 triângulos, cuja forma de cruz só virá a aparecer no final do reinado de D. Afonso II.

E minha convicção, aliás, que se torna necessário tentar uma arrumação, quer geral quer dentro de cada reinado, partindo da possibilidade de ter havido

mais de uma oficina monetária a trabalhar ao longo destes reinados. Estas oficinas, tendo os seus gravadores, criariam os seus tipos e processar-se-ia uma evolução gráfica própria, diferente de oficina para oficina, e desta forma se explicariam algumas quebras de sequência nos tipos conhecidos.

Todavia quanto à ordenação com que se encontram seriados os diferentes tipos de dinheiros dentro de cada reinado (Sancho I e Sancho II), não me parece que tenha havido a mesma bem justificada e feliz arrumação.

Assim em Sancho I—Est. III e gravura IV—a consideração da pequena cruz dentro de um círculo levar-nos-á a considerar os exemplares com «escudo ladeado por espadas» como os primeiros do reinado tanto mais que, pelo menos, aparentemente a liga de especimens do tipo de 5 triângulos em cruz é mais baixa e exemplares há que aparentam ser de cobre sem liga.

Em Sancho II (Estampas VIII, IX e X), quase que nos apetecia dizer que, pelo menos na aparência, nos parece baralhada a sua ordenação (dinheiros com triângulos intermiando com dinheiros de 4 escudetes) quando se estabelecermos uma outra ordem possível ela nos apresenta uma lógica total, pelo menos quanto à expressão gráfica.

Essa lógica, com começo em Afonso II, seguindo com Sancho II e terminando com Afonso III, é expressa pela seguinte sequência:

- a) Dinheiros de Afonso II com dois triângulos ladeando o escudo;
- b) Dinheiros de Sancho II, em que o escudo anterior se divide em dois dando lugar a:  
Moedas de 2 escudetes, continuando com dois triângulos lateralmente;
- c) Moedas em que os dois triângulos laterais referido são substituídos por outros dois escudetes, sem ponto e em seguida com um ponto no centro dos quatro escudetes;
- d) Dinheiros em que este ponto central é substituído pelo quinto escudete;
- e) Dinheiros de Afonso III com os cinco escudetes, na posição que só será alterada em D. João II.

Li com atenção os argumentos com que o Engenheiro Ferraro Vaz defende a sua ordenação, quer no que diz respeito a peso quer à figuração da cruz, mas na verdade não me parecem convincentes ainda que, evidentemente, sejam deduzidos com argúcia.

Vejamus então, em primeiro lugar—peso e liga.

Coloca os dinheiros de 5 escudetes em primeiro lugar, por serem de melhor lei.

Então, não poderiam ter sido cunhados, em nome de Sancho II entre 1245 e 1248 período em que Afonso III governou com o título de «visitador e curador do reino», período este em que Afonso III não se intitulava rei?

Não havia então as mesmas razões que o levaram a melhorar a lei com que cunhou as primeiras moedas (bilhão claro) em seu nome, como o mostra o Eng.<sup>o</sup> Ferraro Vaz?

Vejamos agora a figuração da cruz.

Diz o Eng.<sup>o</sup> Ferraro Vaz que nos dinheiros de 4 escudetes passa a cruz de floreada, a lisa cantonada e desta para a forma simples, sem qualquer adorno.

Mas, já nas moedas de Afonso II com cruz cortando a legenda, esta é lisa cantonada (h da gravura IV pág. 52) e continua lisa cantonada em princípio de Sancho II (i da gravura IV), o que parece que importaria que as moedas de Sancho II de cruz lisa passassem para lugar mais próximo do princípio do reinado.

Isto é que me parece mais de acordo com a lei da semelhança dos símbolos, embora reconheça que, como disse, argúcia não falte à hipótese defendida.

Para a classificação dentro de cada reinado e para caracterizar variantes de dinheiros recorreu o autor, além da variação das legendas, à diferença de localização na moeda, de elementos decorativos e figurativos.

Em Afonso II na variação de posição, em relação à legenda, dos elementos alternados, pontos e estrelas, que cantonam a cruz.

Nos dinheiros de Sancho II na variação:

- a) do número de besantes no escudo;
- b) dos diferentes elementos que cantonam a cruz;
- c) existência ou não de pontos e sua posição em relação aos escudetes;
- d) na existência ou não de pontos e respectiva posição nos quadrantes da cruz.

No reinado de Afonso III e seguintes à variação do local do começo da legenda do anverso.

Em Fernando, além do critério anterior, na localização de um sinal — arruela — em relação aos escudetes.

De muito interesse e muito sugestivo é o sistema, que me parece só merecer louvores, visto que certamente vai ter o resultado que dele se esperava, pois, deste modo, aumenta o número de tipos e variantes colecionáveis, que de outra maneira seriam muito escassas.

Como se diz em Trás-os-Montes e até creio que em todo Portugal,

«quem pouco sabe depressa o reza», cheguei desta maneira rápida ao fim das minhas anotações gerais e só me resta agora, pôr algumas notas de pormenor, no que diz respeito a dinheiros.

Ferraro Vaz indica, como moeda, o numisma que reproduz na Est. XVIII como A4.01; o mesmo numisma foi classificado por mim como conto para contar, em NVMMVS Vol. III-2 n.º 9, pág. 109, n.º 6, e se olharmos para os n.ºs 3 e 4 (D. Diniz), desse artigo, verifica-se imediatamente terem o mesmo módulo e aspectos semelhantes.

Ainda no mesmo reinado falta, como tipo, a moeda que se reproduz, em que, na legenda, o nome do rei se representa apenas por um — A — (fig. 1), : A : REX : PORTVGL : e AL-GA-RB-II com o peso de 0,76 gr.

Em Pedro I, apenas é representado a variante de tipo em que a legenda do reverso AL-GA-RB-II tem o seu começo no quadrante superior direito; apresento reproduzida (fig. 2) uma moeda deste reinado em que a referida legenda tem o seu começo no quadrante superior esquerdo <sup>(1)</sup> como, aliás, irá aparecer no reinado seguinte.

Parecia-me curial, que a hipótese de haver dinheiros deste reinado, em que houvesse variação no local do começo da legenda, deveria ter sido posta, muito embora não se conhecessem exemplares.

Em Fernando, só são representadas duas hipóteses de localização do início da legenda do reverso (nos dois quadrantes superiores).

Não conheço nenhum exemplar fora desta regra, mas não quer dizer que não os haja e não se tinha perdido nada em admitir em hipótese a sua existência.

Neste reinado a variação de tipo recorre também à localização de uma arruela e a NUMÁRIA (Est. XX) apresenta duas posições possíveis.

A moeda que dou à estampa com o n.º 3, mostra outra possibilidade real da localização, dessa ruela, acima do escudete superior e no eixo da moeda <sup>(2)</sup>.

Como facto digno de bom elogio regista-se a apresentação gráfica de todo o trabalho, ressaltando a reprodução perfeita das moedas.

Ainda, como pormenor, direi que o capítulo I—Valores numismáticos—, está longe de me dar uma mediana satisfação, mas reconheço que, sobre este ingrato assunto, se torna difícil efectuar obra de boa classe e

<sup>(1)</sup> É evidente que se pode pôr em dúvida a classificação como Pedro, mas a semelhança da inicial do nome do rei, com o P da palavra Portugal, na mesma legenda é flagrante.

<sup>(2)</sup> Tenho outro exemplar com o mesmo pormenor.

ANVERSOS

Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 1

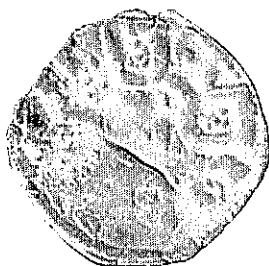


Fig. 2

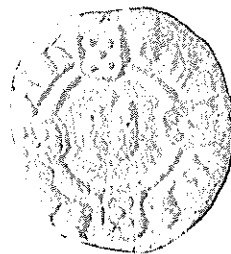


Fig. 3

REVERSOS



que é preferível indicar, como o autor fez, um preço com uma certa generalidade que elaborar trabalho que viesse a induzir em erro quem a ele necessitasse de recorrer.

Esperemos que alguém lance mão deste aspecto e, produza obra meritoria, como, sobre outros aspectos, o fez a NUMÁRIA MEDIEVAL PORTUGUESA.

Para finalizar e aproveitando o facto de ter tido à mão um bom número de dinheiros, entre Afonso III e Pedro I, vou apresentar aos leitores um quadro de comparação com o que se insere a páginas 93 da NUMÁRIA (juntando-lhe os dinheiros de Fernando de outra origem).

A análise dos números inscritos informa claramente que a composição do lote de dinheiros utilizado por Ferraro Vaz nos seus estudos é em tudo semelhante à agora apreciada neste lote e não parece que seja fora do razoável julgar que as suas composições teriam sido as do dinheiro corrente na época em que estas moedas teriam sido arrecadadas.

Eis o quadro:

REINADO	LOCAL DO COMEÇO DA LEGENDA DO REVERSO E DINHEIROS														
	Sup. direito			Sup. esquerdo			Inf. esquerdo			Inf. direito			Totais		
	F V	P L	Total	F V	P L	Total	F V	P L	Total	F V	P L	Total	F V	P L	Total
Afonso III	1213	810	2023	3	4	7	1	—	1	6	3	9	1223	817	2040
Dinis . . .	487	618	1105	446	621	1037	17	8	25	16	15	31	966	1262	2228
Afonso IV	7	15	22	35	63	98	3	10	13	8	9	17	53	97	150
Pedro I .	15	( <sup>1</sup> )70	85	—	1	1	—	—	—	—	—	—	15	86	101
Fernando.	13	17	30	5	8	13	—	—	—	—	—	—	18	25	43

(<sup>1</sup>) Em sensivelmente metade destes dinheiros poder-se-á admitir a possibilidade de serem atribuíveis a D. Dinis.

Deste quadro podem tirar-se as seguintes conclusões:

São muito raras todas as moedas de Afonso III cuja legenda do reverso não principia no quadrante superior direito.

São também muito raras as moedas de Diniz cuja legenda do reverso comece nos quadrantes inferiores.

Dentro da raridade própria de moedas de Afonso IV são menos raras aquelas cuja legenda comece no quadrante superior esquerdo.

No reinado de Pedro I, praticamente só há moedas cuja legenda começa no quadrante superior direito.

Em Fernando os dinheiros cuja legenda começa no quadrante superior esquerdo são mais raros que os que começam no quadrante superior direito.

